

## Índice

Capítulo Um	7
Capítulo Dois	13
Capítulo Três	25
Capítulo Quatro	29
Capítulo Cinco	36
Capítulo Seis	37
Capítulo Sete	38
Capítulo Oito	47
Capítulo Nove	54
Capítulo Dez	58
Capítulo Onze	60
Capítulo Doze	63
Capítulo Treze	66
Capítulo Catorze	68
Capítulo Quinze	70
Capítulo Dezasseis	73
Capítulo Dezassete	79
Capítulo Dezoito	81
Capítulo Dezanove	82
Capítulo Vinte	84
Capítulo Vinte e Um	85
Capítulo Vinte e Dois	88
Capítulo Vinte e Três	90
Capítulo Vinte e Quatro	92
Capítulo Vinte e Cinco	96

Capítulo Vinte e Seis	101
Capítulo Vinte e Sete	104
Capítulo Vinte e Oito	106
Capítulo Vinte e Nove	108
Capítulo Trinta	110
Capítulo Trinta e Um	111
Capítulo Trinta e Dois	112
Capítulo Trinta e Três	116
Capítulo Trinta e Quatro	117
Capítulo Trinta e Cinco	118
Capítulo Trinta e Seis	122
Capítulo Trinta e Sete	123
Capítulo Trinta e Oito	126
Capítulo Trinta e Nove	128
Capítulo Quarenta	133
Capítulo Quarenta e Um	136
Capítulo Quarenta e Dois	140

## Capítulo Um

Uma mulher que se chamava Adriana levantou-se na sua casa nova. Nevava. Naquele dia fazia anos. Tinha quarenta e três anos. A casa ficava em campo aberto. Ao longe via-se a aldeia, situada sobre uma pequena colina. A aldeia ficava a dois quilómetros. A cidade ficava a quinze quilómetros. Ela morava havia dez dias naquela casa. Enfiou um roupão de *voile* cor de tabaco. Calçou os pés compridos e magros num par de pantufas cor de tabaco, cambadas, com um debrum de pelo branco muito coçado e sujo. Sentou-se na cozinha e preparou uma chávena de cevada Bimbo e demolhou nela vários biscoitos. Sobre a mesa encontravam-se cascas de maçã e embrulhou-as num jornal, destinando-as a uns coelhos que ainda não tinha, mas de que estava à espera, pois lhos tinha prometido o leiteiro. Depois foi para a sala e escancarou as portadas. No espelho que se encontrava por detrás do sofá saudou e contemplou a sua alta pessoa, os seus cabelos curtos e ondulados, cor de cobre, a cabeça pequena e o pescoço comprido e forte, os olhos verdes, grandes e tristes. Depois sentou-se à escrivaninha e escreveu uma carta ao único filho homem.

“Caro Michele — escreveu —, escrevo-te sobretudo para te dizer que o teu pai está mal. Vai visitá-lo. Diz que não te vê há muitos dias. Eu fui lá ontem. Era a primeira quinta-feira do mês. Estava à espera dele no Canova e, aí, telefonou-me o criado dele a dizer que ele estava muito mal. Por isso subi. Estava na cama. Achei-o muito chupado. Tem uns papos debaixo dos olhos e uma cor horrível. Tem

dores na boca do estômago. Já não come nada. Naturalmente continua a fumar.

Quando fores vê-lo, não leves para lá os teus costumeiros pares de cuecas sujas. Aquele criado que se chama Enrico ou Federico, não me recordo, não está de momento em estado de aguentar o peso da tua roupa suja. Anda distraído e meio tonto. Não dorme de noite porque o teu pai o chama. Além disso, é a primeira vez que trabalha como criado de quarto, porque antes trabalhava numa oficina de eletricidade automóvel. Além disso, é um completo cretino.

Se tens muita roupa suja, trá-la para mim. Tenho uma mulher para todo o serviço que se chama Cloti. Veio há cinco dias. Não é simpática. Como está sempre amuada e a situação com ela já é periclitante, se chegares aqui com uma mala cheia de coisas para lavar e passar a ferro não me importo muito e podes fazê-lo. Todavia lembro-te que existem também boas lavandarias, aí próximo da cave onde vives. E estás em idade de te ocupares de ti próprio sozinho. Daqui a nada fazes vinte e dois anos. A propósito, hoje é o meu dia de anos. As gémeas ofereceram-me umas pantufas. Mas eu tenho uma grande afeição às minhas pantufas velhas. Ainda te queria dizer que, se todas as noites lavasses em tua casa o lenço e as cuecas em vez de os deixar enrodilhados e todos sujos debaixo da cama, durante uma semana, seria bom, mas isto é uma coisa que nunca consegui fazer-te entender.

Eu estive à espera do médico. É um tal Povo ou Covo não percebi bem. Mora no andar de cima. O que pensa da doença do teu pai, não percebi. Disse que tem a úlcera e isso já sabíamos. Diz que devemos levá-lo para uma clínica, mas o teu pai não quer ouvir falar nisso.

Se calhar achas que eu devia mudar-me para casa do teu pai para o ajudar. Também eu penso nisso de vez em quando, mas creio que não o farei. Tenho medo da doença. Tenho medo das doenças dos outros, das minhas não, mas também não tive grandes doenças. Quando o meu pai teve a diverticulite fiz uma viagem à Holanda. Mas sabíamos perfeitamente que não era diverticulite. Era cancro. Assim, quando morreu, eu não estava. Não tenho remorsos. Mas é verdade que, em certas alturas da nossa vida, os remorsos ensopamo-los no café da manhã, como biscoitos.

Depois, se eu chegasse ali, de manhã, com a minha mala, não sei o teu pai que reação teria. Há muito anos que se tornou tímido comigo. Também eu, com ele, me tornei tímida. Não há nada pior do que a timidez entre duas pessoas que se detestaram. Não conseguem dizer mais nada uma à outra. Sentem-se gratas uma à outra por não se ferirem e não se arranharem, mas semelhante espécie de gratidão não encontra a estrada da palavra. Depois da nossa separação, o teu pai e eu tínhamos adotado aquele hábito maçador e civilizado de nos encontrarmos para tomar chá no Canova todas as primeiras quintas-feiras do mês. Era um hábito que não tinha nada que ver nem com ele nem comigo. Tinha sido aconselhado por aquele primo dele, o Lillino, que é advogado em Mântua, e ele, àquele primo, escuta-o sempre. Segundo esse primo, nós os dois devemos manter uma relação correta e encontrar-nos de vez em quando para discutir interesses comuns. Contudo, aquela hora que passávamos no Canova era um tormento para o teu pai e para mim. Visto que o teu pai é uma pessoa metódica na sua desordem, tinha estabelecido que devíamos ficar àquela mesinha das cinco até às sete e meia. De vez em quando ele suspirava e olhava para o relógio e isto era, para mim, uma humilhação. Inclina-se para trás na cadeira e coçava a cabeçorra preta despenteada. Lembrava-me uma pantera velha e cansada. Falávamos de vocês. Mas, a ele, das tuas irmãs nada lhe interessa. A estrela dele és tu. Desde que tu existes, meteu-se-lhe na cabeça que és a única coisa no mundo digna de ternura e de veneração. Falávamos de ti. Mas ele dizia logo que, de ti, eu nunca tinha percebido nada e que só ele te conhece a fundo. Assim ficava fechado o discurso. Tínhamos um tal medo de nos contradizermos que qualquer argumento nos parecia perigoso e o descartávamos. Vocês sabiam que nos encontrávamos ali naquelas tardes, mas não sabiam que quem o aconselhara tinha sido o maldito primo. Reparo que usei o passado, mas, na verdade, penso que o teu pai está muito mal e que não nos encontraremos nunca mais no Canova, nas primeiras quintas-feiras do mês.

Se tu não fosses tão bacoco, dizia-te para deixares a tua cave e instalares-te de novo na via San Sebastianello. Podias levantar-te tu, de noite, em vez do criado. Tu, no fundo, não tens nada de preciso para fazer. A Viola tem a casa, e a Angelica tem o trabalho e a miúda.

As gémeas vão à escola e, além do mais, são pequenas. O teu pai, aliás, as gémeas não as suporta. Não suporta nem a Viola nem a Angelica. Quanto às suas próprias irmãs, a Cecilia está velha, e a Matilde e ele detestam-se. A Matilde agora está comigo e vai ficar durante o inverno. De qualquer modo, o teu pai a única pessoa que ama e suporta és tu. Contudo, sendo tu como és, dou-me conta de que é melhor que fiques na tua cave. Se estivesse com o teu pai, aumentaria mais ainda a confusão e punhas o criado num estado de desespero.

Outra coisa que te quero dizer é o seguinte. Recebi uma carta de uma pessoa que diz chamar-se Mara Castorelli e que me tinha conhecido no ano passado numa festa na tua cave. Da festa lembro-me, mas a gente era tanta que não recordo ninguém com precisão. A carta chegou-me na direção antiga, na via dei Villini. Esta pessoa pergunta-me se a ajudo a encontrar um trabalho. Escreve duma pensão onde, porém, não pode ficar porque é cara demais. Diz que teve um bebé e que queria vir cá a casa para me mostrar o tal lindo bebé. Ainda não lhe respondi. Dantes as crianças agradavam-me, mas agora não terei qualquer vontade de me maravilhar perante um menino. Estou demasiado cansada. Queria saber por ti quem é esta criatura e que espécie de trabalho deseja, porque não o explica bem. Na altura não atribuí importância a esta carta, mas, depois, veio-me a dúvida que o menino fosse teu. Porque não percebo por que razão esta criatura me escreveu. Tem uma caligrafia esquisita. Perguntei ao teu pai se conhecia uma tal Martorelli, tua amiga, ele disse que não e depois pôs-se a falar do queijo Pastorella, que levava com ele quando andava de barco à vela, mas com o teu pai não se pode ter um discurso sensato. Mas eu, a pouco e pouco, meteu-se-me na cabeça que este menino é teu. Ontem à noite, depois do jantar, fui tirar o meu automóvel, que é sempre uma canseira tirá-lo cá para fora. Fui à aldeia telefonar-te, mas tu és impossível de encontrar. Quando regressava, aconteceu pôr-me a chorar. Um pouco pensava no teu pai, que está em tão mau estado, e um pouco pensava em ti. Se, por acaso, for teu o menino dessa Martorelli, que vais tu fazer, tu que não sabes fazer nada? A escola não a quiseste acabar. Aqueles quadros que fazes, com as casas a desmoronar-se e aqueles mochos a voar, não os acho assim tão bonitos. O teu pai diz que são belos e que eu não percebo nada de pintura. Cá por mim, acho-os semelhantes àqueles que o teu

pai fazia quando era jovem, mas em pior. Eu não sei. Por favor diz-me que coisa devo responder à tal Martorelli, e se lhe devo mandar algum dinheiro. Não pede, mas certamente há de querer.

Eu continuo sem telefone. Foi solicitado não sei quantas vezes, mas ainda não veio ninguém. Por favor, vai tu também à Companhia dos Telefones. Não te custa nada porque não é longe de ti. Talvez aquele teu amigo Osvaldo que te arranjou a cave conheça alguém nos Telefones. As gémeas dizem que o tal Osvaldo tem lá um primo. Vê se é verdade. Foi muito simpático quando te cedeu a casa sem teres de pagar, mas aquela casa é muito escura para pintar. Se calhar é por isso que fazes todos aqueles mochos, porque ficas ali a pintar com a luz acesa e pensas que já é noite lá fora. Também deve ser húmido, e ainda bem que te dei aquela salamandra alemã.

Não acredito que me dêes os parabéns pelo meu aniversário porque penso que nem te lembraste. Não terei cá nem a Viola nem a Angelica porque falei ontem ao telefone com as duas e elas não podem. Estou satisfeita com esta casa, mas é verdade que acho incómodo estar tão longe de todos. Pensava que, aqui, o ar seria bom para as gémeas. Contudo, as gémeas escapam-se daqui todo o dia. Vão à escola nas suas motoretas e comem numa pizzaria do centro. Fazem os deveres em casa de uma amiga e voltam quando já é noite. Isto enquanto não me puser a pensar nisso, porque não me agrada que andem pela estrada quando já está escuro. Há três dias chegou a tua tia Matilde. Queria encontrar-se com o teu pai, mas ele disse que não tem vontade de a ver. Dão-se mal há muitos anos. À Matilde fui eu que escrevi para vir, porque ela andava muito nervosa e em baixo e mal de dinheiros. Fez uma especulação disparatada com certos fundos suíços. Disse-lhe que desse umas explicações às gémeas. Mas as gémeas fogem. Eu vou ter de a suportar, mas ainda não sei como a suportarei.

Se calhar foi um erro comprar esta casa. Em certos momentos penso que foi um erro. Devem vir trazer-me uns coelhos. Quando mos trouxerem, gostava que viesses fazer-me as gaiolas. Para já, penso pô-los na casa da lenha. As gémeas queriam um cavalo.

Digo-te que a razão essencial foi não querer estar sempre a encontrar o Filippo. Vive a dois passos da via dei Villini e estava sempre a encontrá-lo. Era-me doloroso encontrá-lo. Está bem. A mulher vai ter um bebé na primavera. Santo Deus, como estão sempre a nascer